



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

THAMIRES NOELY MORAES E SILVA

**ENTRE PALAVRAS E ENCANTOS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS ATÍPICAS E
NEUROTÍPICAS**

ABAETETUBA - PA

2025

THAMIRES NOELY MORAES E SILVA

**ENTRE PALAVRAS E ENCANTOS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS ATÍPICAS E
NEUROTÍPICAS**

Trabalho de Curso, apresentado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Karina Barbosa Mendes

ABAETETUBA - PA

2025

THAMIRES NOELY MORAES E SILVA

**ENTRE PALAVRAS E ENCANTOS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS ATÍPICAS E
NEUROTÍPICAS**

Trabalho de Curso, apresentado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em pedagogia.

Data de aprovação: 18/12/2025
Conceito: EXCELENTE

Banca Examinadora

Orientadora

Profa. Dra. Sandra Karina Barbosa Mendes - UFPA

Avaliadora

Profa. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira - UFPA

ABAETETUBA - PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e SILVA, Thamires Noely Moraes E.
 ENTRE PALAVRAS E ENCANTOS: A CONTAÇÃO DE
 HISTÓRIAS COMO CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO
 DE CRIANÇAS ATÍPICAS E NEUROTÍPICAS / Thamires Noely
 Moraes E SILVA. — 2025.
 18 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Sandra Karina Barbosa Mendes
 Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
 Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,
 Abaetetuba, 2025.

 1. Contação de Histórias. 2. Alfabetização. 3. Letramento.
 4. TEA. 5. Inclusão. I. Título.

CDD 370

ENTRE PALAVRAS E ENCANTOS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO CAMINHO PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS ATÍPICAS E NEUROTÍPICAS

Thamires Noely Moraes e Silva¹

Sandra Karina Barbosa Mendes²

RESUMO

Este artigo apresenta experiências vivenciadas no âmbito do subprojeto PIBID/Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba, desenvolvido na Escola Dom Ângelo Frosi. O objetivo central é analisar o uso da contação de histórias como estratégia pedagógica, considerando as especificidades cognitivas dos alunos com TEA e suas implicações no processo de aprendizagem da leitura e escrita. A experiência foi desenvolvida na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, acompanhando o processo de alfabetização e letramento dos alunos atípicos – em especial com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e neurotípicos. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante e no registro em diário de campo. As atividades incluíram a leitura oral de narrativas infantis, apoiadas por livros com imagens ampliadas e fábulas ilustradas, buscando estimular a oralidade, a escuta ativa, a imaginação e o interesse pela leitura e escrita das crianças. Do ponto de vista teórico, o texto dialoga com autores como Cademartori (1986), Soares (2020), Freire (1989), Vigotsky (1997), entre outros. Os resultados evidenciam que, a partir da observação e análise das práticas pedagógicas no ambiente escolar, a contação de histórias se revela como estratégia sensível e enriquecedora na mediação do processo de alfabetização e letramento, especialmente de crianças com TEA. Essa prática desperta interesse pela leitura e escrita, amplia o vocabulário, estimula a verbalização e a interação, respeitando singularidades e contribuindo para a construção do conhecimento de maneira lúdica e acolhedora. Conclui-se que a contação de histórias, ao valorizar singularidades e promover diálogo e interação, constitui um recurso potente para fortalecer o processo de alfabetização e letramento e, consequentemente, a inclusão e o desenvolvimento da aprendizagem de crianças atípicas e neurotípicas.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Alfabetização; Letramento; TEA; Inclusão.

ABSTRACT

This article presents experiences lived within the scope of the PIBID/Pedagogy subproject of the Federal University of Pará – Abaetetuba Campus, developed at the Dom Ângelo Frosi School. The central objective is to analyze the use of storytelling as a pedagogical strategy, considering the cognitive specificities of students with ASD and its implications in the reading

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: tnoely.ufpa@gmail.com.

² Orientadora; doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: karinamendes@ufpa.br.

and writing learning process. The experience was developed in the 1st grade class of Elementary School, following the literacy process of atypical students – especially those with Autism Spectrum Disorder (ASD) – and neurotypical students. To this end, we adopted a qualitative approach, based on participant observation and field diary entries. The activities included the oral reading of children's narratives, supported by books with enlarged images and illustrated fables, seeking to stimulate orality, active listening, imagination, and children's interest in reading and writing. From a theoretical standpoint, the text engages with authors such as Cademartori (1986), Soares (2020), Freire (1989), Vygotsky (1997), among others. The results show that, based on the observation and analysis of pedagogical practices in the school environment, storytelling reveals itself as a sensitive and enriching strategy in mediating the literacy process, especially for children with ASD (Autism Spectrum Disorder). This practice awakens interest in reading and writing, expands vocabulary, stimulates verbalization and interaction, respecting individual differences and contributing to the construction of knowledge in a playful and welcoming way. It is concluded that storytelling, by valuing individual differences and promoting dialogue and interaction, constitutes a powerful resource to strengthen the literacy process and, consequently, the inclusion and learning development of atypical and neurotypical children.

Keywords: storytelling; literacy; ASD; inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e letramento representa uma etapa fundamental na formação das crianças, demandando estratégias pedagógicas que considerem as diferentes formas de aprendizagem e as particularidades cognitivas de cada criança. Segundo Soares (2003), o processo de alfabetização é complexo, multifacetado e permanente, estendendo-se por toda a vida, não se esgotando na aprendizagem da leitura e da escrita, indo além da aquisição do alfabeto.

As práticas de letramento, por sua vez, possibilitam aos indivíduos utilizar leitura e a escrita em diferentes contextos, participando de práticas sociais mediadas pela linguagem escrita. Assim, “se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita” (Soares, 2004, p. 435). Dessa forma, o processo de alfabetização e letramento configura-se como uma jornada de descoberta, imaginação e construção de sentido, na qual a linguagem se transforma em ferramenta de expressão e desenvolvimento nesse processo de aprendizagem.

Contudo, é importante ressaltar que não existe um único e exclusivo método para se alfabetizar. Cabe ao professor selecionar métodos e estratégias específicas que atendam às necessidades e potencialidades de sua turma, garantindo, assim, um processo de ensino-

aprendizagem mais significativo e que levem em conta as singularidades da instituição e de cada criança.

Nesse contexto, a contação de histórias emerge como uma estratégia pedagógica relevante, capaz de unir emoção, fantasia e aprendizado, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos e criando pontes entre o universo simbólico da criança e o conhecimento formal da leitura e da escrita. Essa prática lúdica contribui para o fortalecimento de vínculos afetivos, estimula a imaginação, a escuta ativa, a oralidade e desperta o prazer pela leitura – elementos fundamentais no processo de alfabetização. A adoção dessa estratégia torna-se ainda mais significativa quando se considera a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujas especificidades cognitivas e formas de interação social exigem atenção diferenciada e práticas sensíveis à diversidade.

Partindo deste pressuposto, analisaremos no decorrer deste trabalho o uso da contação de histórias como estratégia pedagógica, considerando as especificidades cognitivas dos alunos com TEA e suas implicações no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Para alcançar esse objetivo, acompanhamos atividades de leitura oral de narrativas infantis, apoiadas por livros com imagens ampliadas e fábulas ilustradas, buscando estimular o envolvimento das crianças e favorecer a construção do conhecimento de maneira lúdica e inclusiva.

A relevância desta pesquisa está na compreensão de que práticas pedagógicas sensíveis às diferenças individuais, como a contação de histórias, podem fortalecer o processo de alfabetização e letramento, promovendo interação, verbalização e ampliação do vocabulário, ao mesmo tempo em que respeitam a singularidade de cada aluno, contribuindo para a inclusão e o desenvolvimento integral no contexto escolar.

2 METODOLOGIA

Os procedimentos teóricos metodológicos adotados nesta pesquisa partiram da abordagem qualitativa, uma vez que essa abordagem permite compreender os aspectos subjetivos e complexos das práticas pedagógicas e das interações que ocorrem no ambiente escolar. De acordo com Paulilo (1999), a pesquisa qualitativa

[...] trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (Paulilo, 1999, p. 135).

Além disso, essa abordagem envolve a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Assim, considerando que a

pesquisadora, por meio das experiências do PIBID, esteve inserida no ambiente escolar, essa perspectiva se mostra adequada para garantir a qualidade dos dados coletados no presente estudo. Dessa forma, por meio da abordagem qualitativa, torna-se possível compreender as experiências vivenciadas pelos alunos, pela professora e pela pesquisadora durante as atividades de contação de histórias, interpretando os significados atribuídos a essas práticas.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos e a professora do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Dom Ângelo Frosi, localizada no município de Abaetetuba/PA. Todos esses sujeitos, por estarem diretamente inseridos no processo de alfabetização, representam elementos centrais para a compreensão do objeto de estudo. Dentre os alunos, destaca-se a participação de 3 crianças com TEA, cuja presença foi fundamental para analisar como as estratégias de contação de histórias podem contribuir para a inclusão e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita com os alunos atípicos.

Como técnicas de coleta de dados adotamos a observação participante, que “consiste na participação do pesquisador nas atividades cotidianas relacionadas a uma área da vida social, a fim de estudar aspectos de vida por meio da observação de eventos em seus contextos naturais” (Given, 2008 *apud* Marietto, 2018). Pudemos acompanhar de forma direta as atividades desenvolvidas em sala de aula, com ênfase nas situações de contação de histórias e nas estratégias pedagógicas aplicadas para facilitar o envolvimento dos alunos nas práticas de alfabetização e letramento.

Além disso, utilizou-se o diário de campo, para as anotações de percepções da pesquisadora e registros descritivos sobre as interações, reações e nível de participação dos alunos durante as contações de histórias. De acordo com Falkembach (1987, p.21), “[...] o diário de campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários”.

Além disso, foram realizados registros fotográficos, pois como afirma Kossoy (2012, p. 34) “são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado”, assim, não só apenas os textos escritos ou testemunhos orais, são considerados hoje com uma fonte de informação, mas a fotografia também é vista desta forma, podendo ser utilizada como objeto de estudo em áreas diversas, “seja na ciência ou na arte” (Kossoy, 2012, p. 47-48). Dessa forma, a utilização das fotografias neste estudo serviram para complementar a descrição e a análise das atividades observadas e foram devidamente autorizadas pela escola.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A contação de história é uma prática que atravessa gerações, pois, antes da escrita, os indivíduos usavam a memória para guardar acontecimentos e lembranças. As histórias eram contadas para não serem esquecidas e, assim, passavam de pais para filhos, com o intuito de preservar as tradições e fazer com que a história permanecesse viva. A contação de histórias, de acordo com Mateus *et al.*,

é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos integrantes do grupo (Mateus *et al.*, 2014, p. 55).

Assim, o ato de contar histórias é uma forma de entretenimento, educação e expressão da cultura, que se reinventa com o passar dos anos, e passou a ser inserido no contexto escolar, assumindo diferentes funções pedagógicas. Sua atuação é essencial para transmitir valores e rememorar costumes que ajudam no processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para a formação do aluno leitor.

Em razão disso, é imprescindível para a formação cognitiva de qualquer criança ouvir histórias e ter contato com os livros desde cedo, para poder viver experiências prazerosas e perceber que por meio da leitura, aprenderam a escrever, ler, interpretar, imaginar, pensar, descobrir o mundo, mudar as suas realidades e as de outras pessoas. Sobre isso, Cademartori (1986, p. 19, 20) destaca:

Se, adquirindo o hábito pela leitura, a criança passa a escrever melhor e dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a leitura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais (Cademartori, 1986, p. 19,20).

Por isto, a leitura não se limita apenas ao acúmulo de informações ou desenvolvimento linguístico, mas também traz consigo um papel transformador, capaz de colocar o leitor e o ouvinte em constante reflexão, mudando e ampliando as suas visões. Então, a criança é convidada a repensar o seu papel no mundo, de forma crítica, como nas palavras de Freire (1989, p.7) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A criança passa a ler o mundo ao seu redor, interpretando, reagindo, entendendo, sentindo e ouvindo. Assim, a contação de histórias atua como uma ponte que liga a leitura do mundo, que antecede a leitura da palavra.

Nesta perspectiva, a contação de histórias no ensino fundamental desempenha um papel muito importante para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, cognitivas e linguísticas das crianças. Segundo Vygotsky (1997), a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, nas quais o indivíduo desenvolve ao interagir com o outro e com o mundo ao seu redor; essa interação é facilitada por instrumentos culturais, entre eles a linguagem, que também é um instrumento fundamental para a representação simbólica.

Portanto, contar histórias na escola vai mais além do que apenas entreter, pois se trata de uma prática pedagógica que estimula a escuta dos educandos, amplia o vocabulário, desperta o gosto pela leitura e ajuda a desenvolver a interpretação. Especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, em que o processo de alfabetização e letramento caminham lado a lado.

Alfabetização e letramento, na perspectiva de Soares, se referem a processos distintos, mas complementares. A alfabetização é um “processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas- procedimentos, habilidades- necessárias para a prática da leitura e da escrita” (Soares, 2020. p. 27). Já o letramento diz respeito a “capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas pedagógicas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita”. (Soares, 2020. p.27).

No contexto da alfabetização e letramento, a contação de história é de suma relevância, pois contribui ao estimular o início da leitura e escrita na criança. Isso porque, nessa fase, a criança possui facilidade em aprender diferentes coisas, utilizando a sua imaginação e criatividade. Santhiago salienta que a

[...] inserção de histórias no ciclo de alfabetização é uma estratégia que traz muitos benefícios ao aprendizado dos educandos, pois desenvolve [...] o hábito e interesse pela literatura, podendo se tornar um facilitador quando se trata do aprimoramento do código linguístico por parte da criança (Santhiago, 2018, p. 60).

Isso significa que a contação de história não deve ser vista apenas como algo lúdico, mas também como uma atividade interativa, que estimula o gosto dos alunos pela leitura, que a reconhece como uma parte importante para a formação da criança e, principalmente, como uma ferramenta essencial no processo de alfabetização; uma vez que a alfabetização, por muito tempo, passou a ser vista e ensinada como algo mecanizado, principalmente por causa da ênfase na decodificação e codificação.

Entretanto, com o passar dos anos o cenário educacional mudou, requerendo de práticas e ações inovadoras, que contribuam para conter o analfabetismo, sobretudo, o funcional. O Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014) incentiva o uso de metodologias inovadoras e inclusivas, com foco na superação do analfabetismo e na melhoria da qualidade da

alfabetização, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB assegura que as crianças devem ser alfabetizadas até os oito anos de idade (Brasil, 1996).

Atualmente, a educação moderna reconhece a importância de construir conhecimentos, valorizar a cultura, desafiar os alunos e de inserir novas práticas de ensino, dentre elas a contação de histórias, que se faz presente como método de alfabetização, pois é através dos livros e contos infantis que as crianças passam a perceber a importância de ouvir, recontar e dar sentido para as histórias, iniciando o seu próprio caminho para a leitura e escrita. Conforme afirma Abramovich (2001, p.16), ouvir contos é o ponto de partida para se tornar um leitor.

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (Abramovich, 2001, p. 16).

O desenvolvimento do gosto pela leitura, contudo, não ocorre de forma espontânea, ela depende de um ambiente alfabetizador estimulante. Nesse contexto, o papel do professor é fundamental, pois, conforme ressalta Soares (2020, p. 13) “toda criança pode aprender a ler e a escrever”, deste que receba os estímulos adequados e seja inserida em um ambiente de aprendizagem propício ao desenvolvimento dessas habilidades, não só no sentido material mas, também, social.

De acordo com Cruz *et al.* (2022, p.19), “a mediação do docente é fundamental e indispensável na formação de leitores, pois ele é o maior responsável por dispor de situações para que seus alunos possam iniciar e desenvolver essa condição”. Por isto, é importante que dentro de sala de aula o professor seja um leitor ativo e exemplar, para que assim, estimule e desperte o gosto e o prazer pelo ato de ler em seus alunos.

Dessa forma, percebe-se que o processo de alfabetização, embora desafiador, torna-se mais eficaz quando conduzido de maneira prazerosa e criativa, onde, ao contar histórias o professor não apenas aproxima a criança do texto escrito, mas também lhe proporciona experiências reais de linguagem, ampliando sua capacidade de interpretar, imaginar e compreender o mundo ao seu redor.

Nessa perspectiva, compreende-se que o processo de alfabetização precisa estar integrado ao letramento, sendo construído através de práticas sociais de linguagem que façam sentido para o aluno e promovam o seu desenvolvimento integral. Desse modo, o professor desempenha um papel imprescindível para mediar esse processo, oferecendo ao aluno o suporte necessário para que ele se envolva no mundo da leitura e escrita de maneira prazerosa e significativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as práticas que compõem o universo alfabetizador, a contação de histórias ocupa um lugar de destaque por sua capacidade de transformar a sala de aula em um espaço de imaginação, diálogo e construção de sentidos. Quando o professor narra, interpreta e convida as crianças a entrar no mundo literário, inicia-se um processo que vai além da leitura: cria-se um ambiente onde a linguagem ganha vida, onde a escrita se revela e onde todos participam.

Para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse momento adquire valor singular, pois além de estimular a escuta, o vocabulário e a oralidade, essa prática cria oportunidades de participação e interação, especialmente valiosas para crianças com TEA, que muitas vezes apresentam dificuldades de comunicação e socialização (Schmidt, 2013).

Entretanto, para que essa prática seja significativa, o professor precisa planejar intencionalmente a experiência de leitura, assim como destaca Soares (2020, p. 39) o primeiro passo para esse planejamento “deve ser a escolha de um texto que desperte o interesse das crianças e esteja compatível com o nível linguístico e cognitivo delas”. Essa atenção é ainda mais essencial para alunos com TEA, que se beneficiam de estímulos visuais, linguagem clara e práticas mediadas pelo diálogo no processo de aprendizagem.

A criança autista entende e enxerga o mundo ao seu redor de uma maneira diferente, e a contação de histórias pode ajudá-la a entender o seu mundo, chamar sua atenção e aproximá-la desse mundo imaginário (Oliveira *et al.*, 2017). Neste cenário, a contação de histórias surge como um instrumento pedagógico capaz de articular alfabetização e letramento, promovendo o engajamento de todos os alunos, incluindo aqueles com TEA.

Dessa forma, levando em consideração que os professores podem, por meio de suas aulas, inserir a contação de histórias como meio de alfabetização e letramento, a questão que orientou esta pesquisa foi: **como a prática da contação de histórias contribui para o processo de alfabetização e letramento de alunos atípicos e neurotípicos na turma do 1º ano do Ensino Fundamental da EMEF Dom Ângelo Frosi?** Para respondê-la, foram realizadas observações em sala de aula, buscando compreender como a contação de histórias estava inserida na prática pedagógica da professora e de que maneira essa prática, contribuiu para a alfabetização e letramento dos alunos.

As observações revelaram que a professora trabalha com diferentes gêneros textuais, com ênfase na literatura infantil, utilizando tanto o livro didático disponibilizado pela secretaria de educação do município de Abaetetuba, quanto outros materiais literários. Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, a docente apresentou poemas, parlendas e histórias

de forma lúdica, destacando rimas e palavras-chave das narrativas (Diário de campo, 27 de março de 2025).

Por exemplo, ao explorar o poema *Minha Cama*, de Sérgio Capparelli, que ilustrava a narrativa de “Um Hipopótamo na Banheira”, a professora destacou para as crianças algumas palavras que se faziam presentes na narrativa: inteira, banheira, espalha, toalha (...), que formavam rimas, incentivando o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças – especialmente a habilidade de perceber e identificar rimas, ao reconhecer as semelhanças sonoras entre as palavras e aprimorar a atenção e a escuta ativa. Ao entrar em contato com as palavras que rimam, a criança começa a notar aproximações e diferenças sonoras, compreendendo melhor a organização da língua e o ritmo que ela produz (Dángio, 2017). Conforme também afirma Zilberman (2003, p.45), “as rimas e as repetições são elementos que facilitam a memorização e aproximam a criança da estrutura sonora do texto, favorecendo o desenvolvimento da linguagem”.

Em seguida, a leitura da parlenda popular brasileira *Galinha Choca* foi realizada de forma interativa e as palavras contidas no texto foram escritas na lousa: galinha, choca, comeu, minhoca, saiu, pulando, feito e pipoca e, foram separadas em sílabas e repetidas em voz alta pela docente e pelos alunos, fortalecendo assim, a consciência silábica, a relação entre som e escrita e ampliando o vocabulário das crianças (Diário de campo, 27 de março de 2025).

Nesse processo, a utilização de obras literárias infantis, como poemas e parlendas, revelou-se particularmente significativa, pois favoreceu a exploração sonora e silábica das palavras – por meio das rimas e repetições, habilidades fundamentais para o avanço na alfabetização dos alunos.

Em outro momento, a professora leu o conto bíblico *Jonas e a Baleia*, que despertou grande interesse nos alunos. Nesse dia, a contação de história ocorreu de maneira diferenciada: utilizando as ilustrações do livro para destacar os personagens principais, a professora incentivou os alunos a discutirem o texto juntamente com ela. Embora livre do viés religioso, a narrativa foi trabalhada como literatura, compreendida como produção cultural e fonte de múltiplos significados (Diário de campo, 20 de abril de 2025). Em consonância com o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as crianças devem ter acesso a textos variados, inclusive aqueles que possuem tradições culturais diversas, o que inclui narrativas de origem bíblica (Brasil, 2018).

Dessa maneira, os alunos mostraram-se animados com a história, o que despertou neles o interesse e a curiosidade, além de ter tornado a aprendizagem mais significativa, pois ao serem convidados pela docente a entrarem nesse mundo encantador, os alunos se sentiram mais

motivados a participarem e até mesmo a interpretarem o sentido da história, o que ajudou muito a favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Além disso, durante as aulas, o livro “Vamos todos aprender a ler: Livro de Histórias – Primeiro Ano”, desenvolvido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), foi utilizado frequentemente pela professora, como principal recurso pedagógico nas aulas de alfabetização, com o objetivo de estimular a imaginação, ampliar o vocabulário e favorecer o desenvolvimento das competências de leitura e escrita das crianças.

Esse material, voltado para o desenvolvimento inicial da leitura, apresenta histórias com personagens diversos, onde cada história é projetada para introduzir e reforçar sons e letras específicas (por exemplo, "Beto, o Boto Bonito" para o fonema /b/ e "Ondina, a Onça da Montanha" para o fonema /õ/). A cada aula, a professora explorava uma história do livro, utilizando a leitura compartilhada para promover o engajamento das crianças com os textos. As histórias, foram lidas de forma interativa, permitindo que os alunos participassem ativamente –

Figura 1 – Contação de Histórias: Livro “Vamos todos aprender a ler: Livro de Histórias – Primeiro Ano”



Fonte: mosaico elaborado pela autora (2025).

oferecendo suas interpretações, discutindo os personagens e refletindo sobre as mensagens transmitidas pelas narrativas –, contribuindo para despertar o interesse dos alunos pela leitura, conforme apresenta a figura 1. O uso do livro favoreceu a construção de um ambiente de aprendizagem que estimulou não apenas as habilidades linguísticas dos alunos, mas também sua imaginação e o desenvolvimento social.

Figura 2 – Contação de Histórias: Livro “Tato, o Gato”



Fonte: capturado pela autora (2025).

Em outro momento, a professora conduziu uma atividade no cantinho da leitura, espaço especialmente organizado para incentivar o contato das crianças com os livros e com o prazer de ler. Reunidos em roda, os alunos participaram da leitura da história “Tato, o Gato”, do autor Rob Scotton. A professora realizou a leitura de forma expressiva, despertando o interesse e a curiosidade das crianças, que acompanharam atentamente o enredo e demonstraram envolvimento com o personagem e as situações apresentadas na narrativa.

A contação de histórias, mediada pela professora, proporcionou momentos de inclusão e interação entre alunos, sendo um recurso essencial para trabalhar o letramento de forma lúdica e envolvente, como ilustra a figura 2. Além disso, esse processo contribuiu para o fortalecimento do vínculo afetivo entre os alunos e o material de leitura, criando um espaço onde as crianças, respeitando suas individualidades, se sentiram seguras e motivadas a aprender.

Observamos que a participação das crianças com TEA foi especialmente expressiva durante as atividades de contações de história – o ambiente lúdico e a narrativa visual proporcionada por essa prática, criaram condições favoráveis para o desenvolvimento da concentração, do engajamento, da socialização e interação com os colegas e, da expressão verbal desses alunos. Conforme destaca Queiroz (2017), um dos contextos propícios para desenvolver o comportamento verbal e a qualidade na interação de crianças com TEA é o ambiente agradável da contação de história.

Dessa forma, a prática da contação de história mostrou-se relevante não apenas para a alfabetização, mas também para inclusão e para o desenvolvimento socioemocional dessas crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que a contação de histórias constitui uma estratégia pedagógica significativa para o processo de alfabetização e letramento, especialmente quando aplicada em contextos inclusivos que envolvem alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise das práticas observadas na turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Dom Ângelo Frosi demonstrou que essa abordagem favorece a participação ativa, o desenvolvimento da linguagem oral, a ampliação do vocabulário e o interesse pela leitura e escrita, respeitando as singularidades cognitivas de cada estudante.

A pesquisa também mostrou que, ao promover o envolvimento e a interação entre alunos neurotípicos e atípicos, a contação de histórias contribui para a inclusão escolar e para a construção de um ambiente lúdico, acolhedor e estimulante. Dessa forma, a estratégia não apenas fortalece a aprendizagem da leitura e escrita, mas também promove a socialização, a imaginação e a expressão pessoal, evidenciando seu potencial como recurso pedagógico integrado às práticas de alfabetização.

Em síntese, o trabalho desenvolvido reafirma a importância de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças individuais, que valorizem a diversidade e favoreçam o desenvolvimento integral das crianças. A contação de histórias, ao articular teoria e prática, mostrou-se um instrumento eficaz para mediador da aprendizagem e da inclusão, demonstrando que estratégias lúdicas e interativas podem transformar o processo educativo, tornando-o mais significativo e acessível para todos os alunos. Por fim, a experiência vivenciada no âmbito do subprojeto PIBID/Pedagogia reforça a necessidade de formação docente contínua e de estratégias pedagógicas diversificadas, que considerem as necessidades e potencialidades de cada estudante, promovendo uma educação inclusiva, reflexiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

AMBRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2024**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 12 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CRUZ, Dailze Luzia da *et al.* **A leitura na educação infantil através dos contos de fadas** [livro eletrônico]. – São Paulo, SP: [s/n], 2022, 60 p. Inclui Bibliografias. ISBN 978-65-84809-26-0.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é Literatura Infantil?** 2ª ed – São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1986.

DANGIÓ, M. C. S. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas**. (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). 356f. 2017.

FALKEMBACH, Elza M. F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, v.2. n. 7, p. 19-24, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. rev. São Paulo: Ateliê editorial, 2012. 179 p.

MARIETTO, Marcio Luiz. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, vol. 17, núm. 4, pp. 05-18, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3312/331259758002/html/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MATEUS, Ana do Nascimento B. et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, [S.l.], v. 5, n. 1, out. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Daiane Waechter; MELLO, Camila Efthymiatos Alvarez; SOARES, Mariana Santos; TOIGO, Renata. **O fantástico mundo do era uma vez: a importância da contação de histórias para a formação do leitor com transtorno do espectro autista**. 1º Seminário de luso-

brasileiro da Educação Inclusiva: o Ensino e a aprendizagem em discussão. Porto Alegre, RS. 2017.

PAULILO, M. A S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. Acesso em 04 de novembro de 2025.

QUEIROZ, L. R. **Leitura dialógica**: efeitos no desenvolvimento de comportamento verbal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2017. Dissertação Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília-DF, 2017.

SANTHIAGO, N. S. **Contribuições da contação de história no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização**. Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: FERRARO, A. R.; RIBEIRO, V. M. (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. 2. Ed. São Paulo: Global, 2004. p. 75- 91.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SCHMIDT, Carlo (org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP. Editora Papirus, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1987.